

Paulo-Roberto Andel

Será que é ele... Tom Waits?

Começo da noite, os jovens escoteiros marcam ponto no bar Sniff, fêmur de Copacabana, não porque bebericam, mas sim porque esperam seus líderes e chefes para um bate-papo qualquer - eles se reúnem no pátio da igreja aos sábados, mas se encontram em vários outros dias da semana, basicamente para conversa fiada.

No balcão, o crítico musical Arthur Laranjeira conversa com Paulinho Johrei, um vizinho delicado. Paulo, um dos garotos presentes no bar, fanático por rock, quase toma um susto ao ver que, no canto do balcão, há um desconhecido no local, aparentando ter cerca de quarenta anos de idade, usando um blazer surrado e um chapéu de abas curtas, bebendo um drinque que parecia até ser uísque:

“Fred, olha bem, presta atenção: eu estou ficando louco ou aquele ali é simplesmente o Tom Waits?”

“Cara, não pode ser, mas parece pra caralho! Mas se ele estivesse no Brasil, a imprensa ia noticiar...”

“Tem certeza disso?”

“Não.”

Tom Waits, o braço musical da literatura beat, discípulo de Jack Kerouac, Allen Ginsberg e principalmente William Burroughs. O cantor das noites de derrota, dos bêbados e mendigos, dos sem teto e sem rumo, das criaturas da noite, com sua mistura de jazz e blues cantada quase em grunhidos ferozes, viscerais.

O bardo ajeitava o chapéu, parecia estar desconfortável com aquilo e não olhava para o lado, obcecado visualmente por seu suposto drinque. A julgar verdadeira a análise de Flávio, o mais underground de

todos os compositores musicais estadunidenses tomava um trago em pleno bar do Seu Manuel. E agora?

“Vai lá falar com ele?”

“Tou com vergonha, cara, é muito ídolo!”

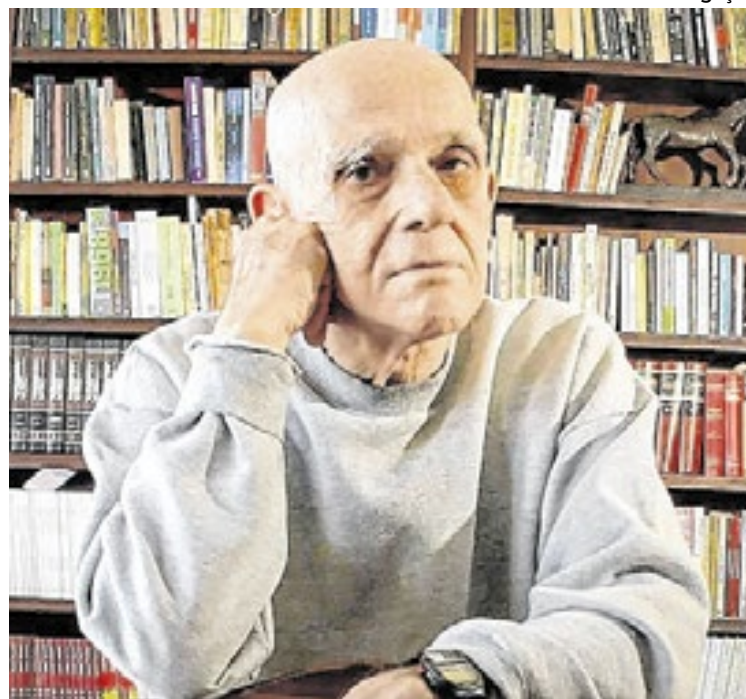
Os outros escoteiros olham com estranheza os cochichos da dupla, sem entender o que pode estar acontecendo. Fredão resolve matar a charada. Pede um minutinho de licença, interrompe um papo do jornalista Laranjeira e pergunta: “Seu Arthur, desculpe atrapalhar, mas é que o senhor entende muito de música, será que podia nos ajudar com uma dúvida? Discretamente, dá uma olhadinha atrás do senhor. Aquele homem ali no canto é o compositor Tom Waits?”

Arthur se vira: “Mas quem?”

Não havia mais ninguém no lugar do suposto Tom Waits. Sumiu. Evadiu-se sinistramente. Fred chamou Paulo, que não viu o desaparecimento do bebum, os dois foram na direção dos outros escoteiros, mais afastados: “Vocês viram aquele moço que estava tomando um uísque ali no canto?”

“Ué, ele tinha pego o copo e ido na direção de vocês, pensei que o conhecessem”.

De longe, Arthur girava o dedo indicador perto da orelha direita, simulando o gesticular de loucura. A seu lado, o sorridente e enigmático Paulinho Johrei fitava os jovens conversando, tentando entender o contexto roqueiro. Paulo e Fred, incrédulos, tentavam entender o que tinha se passado, sem nenhuma pista. Se esteve no Sniff’s, Tom Waits foi um mestre em sarta de banda e dar no pé. Foi em 1989, mas podia ter sido em 2020.



Divulgação

Avesso a badalações, Rubem Fonseca detestava ser fotografado e nunca deu entrevistas

Um mimo para os leitores

Nova Fronteira prepara edição completa da obra de Rubem Fonseca no centenário do autor

Por **Maurício Meirelles**
(Folhapress)

Até agora, quem quisesse uma edição dos contos completos de Rubem Fonseca só conseguiria fazê-lo em espanhol: desde 2018, a editora Planeta da Argentina publica em três volumes toda a ficção breve do escritor, pelo selo Tusquets.

Os volumes em espanhol, diga-se, já não eram tão completos assim. A compilação terminava em “Amálgama”, de 2013, e Rubem Fonseca ainda publicou mais três livros depois disso: “Histórias Curtas” (2015), e “Calibre 22” (2017) e “Carne Crua” (2018).

Agora, como parte das celebra-

ções do centenário do autor, no próximo dia 11, o público brasileiro vai ter acesso a todos os contos dele. A Nova Fronteira, casa do escritor, vai lançar em maio uma edição com os contos completos - acrescidos de dois inéditos, escritos na juventude, antes de sua estreia literária, com “Os Prisioneiros” (1963).

“Natal” e “Arinda”, escritos em 1943, foram descobertos pela filha de Rubem Fonseca, Bia Corrêa do Lago, no acervo que encontrou na casa do pai, depois de sua morte em 2020. “Achei muitos contos da juventude. Esses dois são de quando ele tinha 20 e poucos anos, mas tem muitos com 17, 18 ou 19 anos”, afirma Bia.

Antes disso, a última reunião tão ampla da ficção breve de Ru-

bem Fonseca tinha sido nos anos 1990, quando a Companhia das Letras, sua então editora, tinha lançado “Contos Reunidos”, com um posfácio de Boris Schnaiderman. Mas o autor ainda publicaria 11 livros depois. Para a compilação de agora, a família de Rubem transmitiu à editora as correções feitas pelo próprio escritor em seus exemplares, ajustes que ele morreu sem ter repassado.

Além dos dois inéditos, o acervo deixado pelo escritor ainda deve render mais. Bia trabalha em uma fotobiografia do pai, prevista para novembro, a partir de imagens encontradas no arquivo. O livro vai ser publicado pela editora Capivara. É um trabalho que vai não só engrossar a parca iconografia de um autor que escapava da imprensa, mas também revelar aspectos de sua vida que até a filha conhecia pouco. As fotos mostram o autor em situações como uma visita a Carmen Miranda em Los Angeles, em 1954, ou entregando um envelope a Pelé - num ano em que ele teve a ideia de presentear os jogadores da seleção brasileira com ações da Light, onde era executivo.

Além dos dois lançamentos, a obra de Rubem Fonseca vai ser tema de um seminário internacional na PUC-Rio, organizado pelo professor e crítico Karl Erik Schollhammer. O evento acontece entre 6 e 8 de maio e vai reunir pesquisadores do Brasil e do exterior. “Queria que o evento fosse um incentivo a uma releitura da obra de Rubem, acho que a visão e a interpretação da obra dele anda muito estancada”, diz Schollhammer.

O crítico acha que o autor acabou perdendo espaço nos estudos literários atuais na universidade e que há espaço para discutir o legado dele. “Não há dúvidas de que ele de certa maneira inicia o fenômeno da literatura contemporânea brasileira, que combina o experimental com o lado realista de uma literatura urbana”, afirma. “Rubem Fonseca para mim está ligado a uma questão existencial, que é a violência que brota nas relações. Acho que há uma leitura meio cega [para esse ponto] e essa questão merecia ser reinterpretada.”